

Greves e protestos de trabalhadores aumentam a pressão sobre o regime na Bielorrússia

FONTE: [Socialist Worker](#) | 12/08/2020 | TRADUÇÃO: Charles Rosa

A resistência ao regime do presidente bielorrusso Aleksander Lukashenko está crescendo nas ruas e nos locais de trabalho.

Milhares de pessoas enfrentaram policiais de choque e a polícia secreta da KGB na capital Minsk pela terceira noite consecutiva nesta terça-feira.

Mais cedo naquele dia, várias fábricas e locais de trabalho saíram ao meio-dia como parte de uma chamada de greve geral após a eleição presidencial fraudada no fim de semana passado. Foi feito por três blogs de oposição – Nexta Live, Belamova e MK Belarus – que instaram as pessoas a irem às ruas.

O governante bielorrusso Lukashenko conquistou a vitória sobre a desafiante liberal Sviatlana Tikhanovskaya, com 81% dos votos, ante 11% dela.

A polícia matou um homem e prendeu pelo menos 3.000 pessoas na noite de segunda-feira nos protestos que eclodiram na capital Minsk e em outras cidades.

Tikhanovskaya fugiu para a Lituânia na terça-feira, e deixou gravado um vídeo pedindo às pessoas “para não irem à praça”. Ela disse que isso era para o bem de seus filhos.

A violência policial – e o apelo aparentemente forçado de Tikhanovskaya – não dissuadiu os manifestantes.

Os trabalhadores da fábrica de engenharia elétrica “VI Kozlov”

em Minsk baixaram suas ferramentas e submeteram suas demandas à direção. Isso incluía “acabar imediatamente com a violência contra civis desarmados”, “a libertação de pessoas detidas durante as manifestações pacíficas” e “ligar a Internet para acabar com a probabilidade de rumores”.

Alguns transeuntes juntaram-se para apoiar os grevistas de Kozlov.

Ferramentas

Duas seções do complexo petroquímico Grodno Azot, uma das maiores empresas do regime, também baixaram suas ferramentas.

Os trabalhadores da empresa de alimentos Minsk Margarine Works saíram, com os carros que passavam buzinando em apoio. E a equipe do Instituto de Química de Novos Materiais da Academia Nacional de Ciências, uma espécie de centro de estudos estatal, também aderiu à convocação de greve geral.

Cerca de 70 engenheiros e técnicos de vários departamentos saíram e se reuniram em frente ao prédio. O Subdiretor de Assuntos Ideológicos da empresa saiu na hora do almoço e tentou amedrontá-los de volta ao trabalho.

Isso falhou porque, relata o Nexta Live, “ninguém acredita mais em ideólogos”.

Fora da capital, os trabalhadores da fábrica de pneus de Belshina na cidade industrial de Babrusyk se retiraram para exigir eleições livres. Uma declaração de um trabalhador disse: “Nós, os trabalhadores de Belshina, somos solidários com o povo da Bielorrússia. Declaramos uma greve”.

Açúcar

A Refinaria de Açúcar Zabinka no distrito ocidental de Brest interrompeu a produção. Os trabalhadores se reuniram e exigiram uma reunião com o presidente do comitê executivo distrital, um nomeado local do regime.

É esse tipo de ação dos trabalhadores – em uma escala muito maior – que poderia quebrar o regime de Lukashenko.

Lukashenko chegou ao poder no caos que se seguiu ao colapso da Rússia stalinista e do Bloco de Leste.

Embora esses países alegassem ser “socialistas”, eles eram, na verdade, sociedades capitalistas de estado onde a classe trabalhadora não tinha controle.

A classe dominante – a burocracia estatal – se comportou da mesma maneira que os patrões o fazem sob o capitalismo de livre mercado. Seu objetivo era acumular lucros e ficar à frente dos rivais internacionais, não das necessidades das pessoas comuns.

As revoluções derrubaram os regimes do Bloco de Leste em 1989 e a Rússia stalinista se dividiu em 16 repúblicas.

Eles fizeram a transição do capitalismo de estado para um capitalismo de mercado livre. Os políticos comunistas tornaram-se políticos “democráticos” e os administradores de empresas estatais tornaram-se administradores privados. Lukashenko, por exemplo, era gerente de uma empresa agrícola.

As pessoas comuns, que saíram às ruas exigindo liberdade e justiça social, pagaram o preço das políticas de livre mercado.

A forma como isso aconteceu foi um pouco diferente na Bielorrússia em relação a outras repúblicas.

Na Bielo-Rússia, a burocracia stalinista era particularmente conservadora e havia resistido a qualquer reforma. Mas uma série de protestos de trabalhadores poderosos em abril de 1991 abalou o Partido Comunista em seus alicerces. Isso incluiu uma onda de greves em mais de 80 empresas estatais em Minsk, algumas organizadas por meio de sindicatos independentes.

Uma combinação de divisões no topo e protestos levou a Bielo-

Rússia a declarar independência em agosto de 1991.

Mas após a independência, as mesmas figuras mantiveram um grande grau de poder. Ao contrário da Rússia e de outros estados do Bloco Oriental, os governantes da Bielo-Rússia não buscaram reformas de mercado livre em grande escala temendo que isso pudesse desestabilizar seu governo.

Lukashenko apostou em enfrentar imperialismos rivais, os EUA, a Rússia e a União Europeia (UE).

Ao permanecer no campo russo, seu regime obteve enormes subsídios para impulsionar a economia. Mas, por exemplo, o fracasso na privatização em massa também irritou alguns oligarcas russos que esperavam por novos mercados.

E, mais recentemente, Lukashenko cortejou investimentos do Ocidente e da China, ambos concorrentes da Rússia, apoiando algumas políticas neoliberais. Essa mudança encontrou forte resistência do presidente russo Vladimir Putin.

Em um contexto de crescente rivalidade imperialista entre o Ocidente e a Rússia, não é surpresa que vários líderes ocidentais se apresentem como apoiadores da luta pela liberdade na Bielorrússia. Eles esperam que um novo presidente seja firmemente pró-Ocidente e pró-mercado e, assim, enfraqueça seu concorrente.

Uma alternativa genuína ao autoritarismo de Lukashenko não é mais o capitalismo de livre mercado, que martelou a classe trabalhadora. Está nas ruas e nos locais de trabalho com os trabalhadores que lutam pela democracia, pela justiça social e por uma sociedade onde estão no comando.

Tomáš Tengely-Evans é membro do Socialist Workers Party (SWP) do Reino Unido.